



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

AMAZÔNIA FRATURADA: A VISUALIDADE AMAZÔNICA COMO MEDIDA PARA COMPREENDER A ARTE CONTEMPORÂNEA

FRACTURED AMAZON: AMAZON VISUALITY AS A MEASURE TO UNDERSTAND CONTEMPORARY ART

Guido Elias – PIBIC/CNPq/UFGA

Profº. Dr. Orlando Maneschy

RESUMO: Este artigo tem como objetivo constituir uma reflexão a partir de obras participantes da exposição *Experiência Vertigem - Novas Aquisições da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA* relacionando-as ao conceito de Visualidade Amazônica e do pensamento do professor João de Jesus Paes Loureiro, tendo como foco os afetos e conhecimentos presentes nestas obras de arte.

ABSTRACT:

This article aims to constitute a reflection from works participating in the exhibition *Experience Vertigo - New Acquisitions of the Amazoniana Art Collection at the Federal University of Pará* relating them to the concept of Amazonian Visuality and the thought of Professor João de Jesus Paes Loureiro, focusing on the affections and knowledge present in these works of art.

PALAVRAS-CHAVE: Amazonia, Coleção Amazoniana, Visualidade Amazônica.

KEY-WORDS: Amazon, Amazoniana Collection, Amazonian Visuality.

Neste artigo abordaremos algumas questões relativas aos pensamentos do professor João de Jesus Paes Loureiro e do artista Osmar Pinheiro Jr. que constituem as bases epistêmicas para a reflexão sobre a(s) cultura(s) amazônica(s), com a ideia de Visualidade Amazônica, contextualizando o ambiente cultural no qual esta se estabelece em Belém para olharmos para um recorte de obras presentes na exposição *Experiência Vertigem – Novas Aquisições da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA*, realizada em 2019 no Museu da Universidade Federal do Pará com produções até então não exibidas como acervo da coleção.

Faz-se necessário olharmos para a cena cultural dos anos 1980 em Belém que pulsava com os processos de redemocratização e com o desejo de maior expressão



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

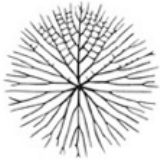
**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

fomentados por diversas manifestações e atividades culturais realizadas por produtores e artistas das mais diversas linguagens. A fotografia neste contexto foi um dos meios que ganhou destaque com projetos como Visualidade Popular na Amazônia, de 1982, com Luiz Braga e Osmar Pinheiro como coordenador, dentro do Projeto Visualidade Brasileira do Instituto Nacional de Artes Plásticas – INAP, da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE. Destacamos também proposições organizadas por fotógrafos de forma associativa, como o FotoPará que nasce em 1982, a FOTOFICINA, em 1983 e a FotoAtiva em 1984, projetos fundamentais para a cena fotográfica e artística local.

Neste contexto, a FUNARTE se dedicou a olhar as diversas regiões do país, buscando deslocar a atenção do Sudeste para outras localidades, estimulando projetos direcionados ao fazer artístico, fomentando o debate sobre as particularidades de cada região e suas produções visuais. Assim, foi engendrado um projeto sobre as artes visuais na Amazônia, no momento em que o curador Paulo Herkenhoff esteve como diretor do INAP. O seminário As Artes Visuais na Amazônia aconteceu em Manaus, entre os dias 8 e 9 de novembro de 1984 e fez parte do projeto Visualidade Brasileira em uma parceria com a Coordenadoria de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas. O evento ocorreu em paralelo ao VII Salão Nacional de Artes Plásticas, que contou com uma significativa participação de diversos artistas do Norte.

No seminário, diversas vozes somaram-se, tanto do Pará, quanto do Amazonas. Poetas, artistas visuais e acadêmicos, como Osmar Pinheiro, João de Jesus Paes Loureiro, Vicente Cecim, Thiago de Mello, Renan Freitas Pinto, Miriam Limoeiro e Carlos Zílio, em diálogo, ampliaram o desejo de mergulhar nas questões regionais em suas pesquisas no campo da cultura e das artes. Destacando-se a visualidade amazônica como uma questão já observada por alguns artistas como Osmar Pinheiro e Luiz Braga, estes dois, juntos a outros artistas da fotografia e das artes plásticas, começaram a observar signos da visualidade popular e resignificá-los em suas obras. Neste contexto, discursos passaram a ser engendrados no seminário e em sua publicação do livro *As Artes Visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional*, (Belém: FUNARTE, 1985) que teve conceituação e coordenação editorial desenvolvidas pelo professor e pesquisador Evandro Vieira Ouriques¹.

Editado pela FUNARTE em co-edição com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Semec/Belém-PA, dirigida pelo professor João de Jesus Paes Loureiro, o livro tornou-se documento basilar para a reflexão sobre a cultura e as artes na Amazônia e sinaliza, também, o caminho que Paes Loureiro iria desenvolver em suas pesquisas sobre a cultura amazônica e suas epistemologias, bem como dos demais pesquisadores que se debruçaram sobre a região.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

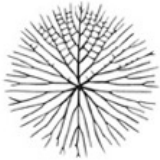
Diversos projetos foram desenvolvidos ao longo dos anos como estímulo e difusão da produção regional, com destaque para a fotografia autoral do estado do Pará, ativada por um fluxo cada vez maior de ações propiciadas por organizações, grupos, eventos coletivos, ações institucionais e curadores que passaram pela Amazônia e ampliaram a visibilidade dos criadores. No final do século XX e início do século XXI, as produções de vários artistas ganharam visibilidade, dado o número de projetos e editais de circulação empreendidos, momento em que percursos individuais e grupais se firmaram; período este em que a pesquisa em artes também passa a se consolidar institucionalmente na Universidade Federal do Pará oficialmente junto a Pró-reitoria de Pesquisa em 2006, por meio de projeto cadastrado e bolsa de Iniciação Científica voltada para discente da graduação em artes, momento ainda em o Instituto de Ciências da Arte da UFPA é criado, cenário este em que a pesquisa sobre arte contemporânea paraense irá se aprofundar institucionalmente e no qual a Coleção Amazoniana constituirá seu território.

Em 2010 foi elaborado o projeto para a constituição de um acervo com obras de artistas cuja sua produção foi fruto de uma experiência diferenciada na região. Contemplado pelo edital *Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça / Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais 2010*, da Funarte, o projeto *Amazônia, Lugar da Experiência* – que originalmente agruparia apenas um conjunto de seis artistas –, deu origem à *Coleção Amazoniana de Arte da UFPA*, articulando a produção de 31 autores que integraram o núcleo inicial dessa Coleção, estabelecida a partir de duas mostras: *Amazônia, Lugar da Experiência*, no Museu da Universidade Federal do Pará, e, *Entre Lugares*, no Museu Casa das Onze Janelas, bem como duas intervenções urbanas, de Éder Oliveira e Lucas Gouvêa e a apresentação do filme *Invisíveis Prazeres Cotidianos* de Jorane Castro.

É necessário perceber aquele momento histórico dos anos 1980 como ponto de inflexão e o que dali ecoa aos nossos dias, chegando até à exposição *Experiência Vertigem – Novas Aquisições da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA* - terceira exposição do acervo da coleção Amazoniana e às atividades relacionadas a essa mostra –, em diálogo com as discussões norteadoras sobre as especificidades de lugar. Assim, nos reportamos ao que sinaliza Osmar Pinheiro em seu texto *A Visualidade Amazônica*: “...o sentido desse “voltar-se para si mesmo” da perspectiva de uma visão não excludente das questões que informam a arte contemporânea.” (PINHEIRO JR., 1984, p. 95). É um conectar-se a matrizes da cultura regional, percebendo diálogos, interferências e relações da visualidade popular, compreendendo toda uma pluralidade cultural que se manifesta na região para além da ideia de exotismo, observando relações históricas, práticas vinculadas à ancestralidade dos povos.

“onde arte e trabalho são partes de um mesmo movimento cuja razão é o afeto; que quatro séculos de violência colonizadora não foram capazes de destruir de todo. [...] É fato de que a paisagem vem mudando, em muitos casos o discurso dessa visualidade é a narrativa trágica da devastação amazônica, que se expressa ideologicamente pelos canais da indústria cultural. (PINHEIRO JR., 1984, p. 96 – 97).

Experiência Vertigem reuniu trabalhos de arte integrados ao conjunto entre



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

2014 e 2017, e foi realizada no Museu da UFPA, entre 15 de março e 26 de maio de 2019, apresentando obras modernas e contemporâneas, revelando o pensamento dos artistas em suas dimensões políticas, em diálogo com especificidades da região, constituídos por experimentos estéticos e articulações de modos de existir, subjetivações e violência. Ativar potências presentes em processos e condutas do experienciar e criar na região é um dos motes de construção do acervo da Amazoniana e encontra-se em um dos vértices norteadores para o desenvolvimento da exposição *Experiência Vertigem*, que se desenhou como um convite para romper com o pensamento colonizado que insiste em se manter quando se empreende uma busca pela compreensão deste território.

A Visualidade Amazônica

A teoria cunhada pelo artista visual Osmar Pinheiro Jr. no seu texto homônimo que encontra-se no livro *“As Artes Visuais na Amazônia: Reflexos sobre uma Visualidade Regional”* considera diversos pontos que se entrelaçam para uma possibilidade de identificação da visualidade na amazônia, a partir da arte e seus tensionamentos e problemáticas fundantes. Osmar Pinheiro Jr. nos fala sobre o poder do afeto para a arte e o trabalho na região amazônica:

Onde a arte e o trabalho são partes de um mesmo movimento cuja a razão é o afeto: que quatro séculos de violência colonizadora não foram capazes de destruir de todo [...] transitando entre o prazer e a necessidade, cujo símbolo maior é o porantim, remo mágico, que é também arma de guerra e suporte, onde se acham inscritos os signos que narram a tradição lendária [...]. (PINHEIRO JR., 1985, p. 96)

Paes Loureiro irá problematizar o território no qual esta visualidade se manifesta de forma a revelar as instâncias variadas das potências que ali operam:

Esta é uma realidade social complexa, articulada por uma cultura que, para ser compreendida na relação dialética de autonomia entre as partes de seu “sistema aberto de autoecorganização”, exige uma reflexão que reconheça “a causalidade recursiva complexa individuo-sociedade assim como as causalidades recursivas entre o sociológico, o político, o econômico, o demográfico, o cultural e o psicológico, etc. Por via de consequência, um procedimento que integre “observador/conceituador”, “interrogação e reflexão filosófica”. O que permite integrar também, na compreensão dessa cultura, a dimensão estética e os componentes extraestéticos que a completam e tensionam. (LOUREIRO, 2015, p. 430)

Estes agenciamentos de potências que irrompem nas especificidades do lugar e que se manifestam em operações complexas, respondem ao mundo a partir da



experiência íntima de fricção com este ambiente e sua diversidade de matrizes, deflagrando novas organizações artísticas em lugares de enunciação. Percebemos aí a episteme da visualidade amazônica.

A partir da interpretação do conceito da visualidade amazônica, foram analisadas seis obras participantes da exposição Experiência Vertigem, considerando fala dos artistas durante atividades propostas pela organização, seu contexto histórico de produção e ativação do/da artista.

Segundo Paes Loureiro, a arte pode ser interpretada como uma forma de conhecimento que a partir do estético, da imagem, fala sobre alguma informação a qual o artista julga ser importante ao mundo. Dessa forma, é possível colocar a arte amazônica como detentora de um discurso extenso que perpassa por várias problemáticas específicas ou não da região brasileira, isso porque não encontra-se dissociada nas obras a Amazônia quanto floresta e a Amazônia quanto região complexa de nove países. Focando especificamente na parte brasileira desse território, as obras aqui analisadas se interligam pela força criadora que em sua unanimidade parte de situações sociais de exclusão ou de estereótipos impostos sobre a população amazônica ou o local amazônico. Portanto, o fio condutor nos leva a refletir sobre os vários afetos que atingiram esses e essas artistas.

Além dessa origem da criação, também é atentado ao conhecimento que essas obras nos transmitem.

Quer dizer, na arte a dominante é a dominante artística, ou estética, hoje a gente usa a palavra estética já com um certo cuidado, porque se identificou estética muito com essa tradição renascentista do belo. Hoje o estético passou a ser um dos componentes da obra de arte e o que se passou a entender é a arte como sendo algo que é uma forma de expressão a partir de uma intuição do criador. Hoje a feiúra também faz parte como uma categoria da arte assim por diante.

Mas o conhecimento no nosso tempo agora é necessário levar em conta aquilo que a obra de arte contém de expressão do conhecimento. A dificuldade é que se na filosofia, nas ciências o conhecimento ele é revelado através de experimentação, demonstração e um conceito, na arte temos a revelação, então na obra de arte o conhecimento se revela, e se revela pelas imagens, sejam mentais, sejam visuais.(informação verbal)ⁱⁱ

Foi levado em consideração essa especificidade da arte como detentora de um conhecimento para a análise das obras abaixo.

As obras observadas



Dentre as obras analisadas, a de Nina Matos intitulada *Glorious Jungle* (2019) abre a exposição *Experiência Vertigem*. Tratando de forma sutil e aparentemente delicada sobre as classes marginalizadas na Belém da *Belle Epoque*, a artista levanta a questão dos poucos registros dessas crianças visto que sendo estudantes de grupos escolares, advinham de famílias de baixa renda e figuram como coadjuvantes no *Álbum da Festa das Criações*ⁱⁱⁱ (1905), publicação governamental que visava mostrar a civilidade e modernidade local da época. Em função disso Matos transporta os pequenos para uma imagem emblemática, coabitando com mapas antigos e azulejarias, evidenciando camadas temporais e remontando um passado de disputas de terras, disputas essas que não acabaram e que se atualizam no intenso e ininterrupto desmatamento que a região enfrenta nos dias atuais, com toda uma sorte de desrespeitos e violência para com a gente da região e com a natureza.

Figura 1: *Glorious Jungle*. MATOS, Nina. Ano: 2019.

Devastação e violência que afetam natureza e pessoas são vistas em obras como de Sávio Stoco com a instalação *Amazônia, Esfinge* (2012), que problematiza os processos de desmatamento e da imagem construída sobre a própria região. Stoco nos coloca em um ambiente em que os próprios amazônicos compram a imagem que o colonizador tem da região, uma imagem exótica, com uma natureza extremamente exuberante, deixando a margem os vários tensionamentos sociais que co-existem, como todo o ambiente onde a pintura se apresenta, todo revestido em madeira retirada da floresta. Paradoxo esfinge. Questões que serão cobradas de seus habitantes um dia.





IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**



Figura 2: Amazônia Esfinge. STOCO, Sávio. Ano: 2012.

Nayara Jinkns, por outro lado, com sua fotografia *Todo mundo viu, ninguém falou um a* (2019), retrata de forma metafórica um povo subalternizado e vivendo na miséria das grandes periferias. Na imagem se vê um saco plástico cujo conteúdo é composto de pés e cabeças de frangos, o alimento mais barato para aqueles que nada têm. A obra que, segundo a artista, foi feita em uma feira municipal de um dos bairros mais marginalizados da capital paraense pode também criar um paralelo com os corpos “ensacados” e esquecidos pelo poder público. Descaso, violência e poder. Os miúdos, as sobras, os restos, as migalhas que são oferecidos ao povo.



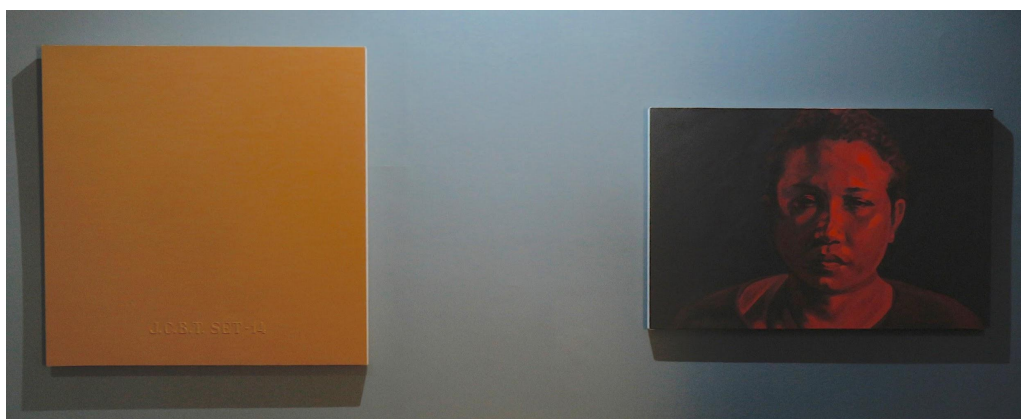
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**



Figura 3: Todo mundo viu, ninguém falou um a. JINKSS, Nayara. Ano: 2019.

São duas pinturas que Éder Oliveira traz em *Experiência Vertigem*, obras que revelam o amazônida de formas diferentes, mas enfatizando a marginalização sofrida por esses que na região são a maioria da população. Em uma delas Oliveira retrata o personagem de forma abstrata usando apenas uma tonalidade de cor e esta simboliza uma variante do tom de pele do sujeito amazônico em *Sem Título (J.C.B.T.SET – 14) – Série Monocromos* e *Sem Título* (2016). Essa questão que o artista enfatiza é de especial relevância, pois coloca de forma contundente a questão do racismo institucionalizado, a maneira que se concretiza a marginalização do povo amazônico em seu próprio local, demonstrando em certa medida o quanto o colonialismo está enraizado e as múltiplas formas com que assola a vida. Para o curador Paulo Herkenhoff “O processo colonial foi, portanto, uma guerra de canibalismos” (HERKENHOFF, 2012, p. 25) e está se perpetua até os dias de hoje.





IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**



Figura 4: Sem Título (J.C.B.T.SET – 14) Série Monocromos. Ano 2016 e Sem Título 2019, OLIVEIRA, Éder.

Figura 5: O Rio Morreu di Nós. PARDINI, Patrick; COLARES, José Alberto. Ano: 1984.

A exposição se consolidou como um ambiente de debates sobre questões atuais ligadas a região amazônica, de modo a suscitar reflexão sobre vários dilemas existentes nesse território, questões sócio-econômicas, de raça, de gênero, de apagamentos históricos. As imposições que trazem os grandes projetos constituídos pelo governo federal, existentes desde a época da ditadura militar, tocados de forma precisa pelas obras de Patrick Pardini e José Alberto Colares, no audiovisual documentário transcrito para vídeo *O Rio Morreu di Nós* (1984), produzido antes da operacionalização da barragem de Tucuruí e pela obra de Paula Sampaio, *Árvore* (2015), que finaliza um amplo processo de trabalho iniciado nos anos 1990, quando começa a frequentar o grande lago gerado pela implementação da usina hidrelétrica de Tucuruí. Essa discussão sobre os





**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

grandes projetos para a Amazônia revela-se de maneira contundente nessas obras, que evidenciam o poder do capital sobre vida.

Figura 6: Árvore, SAMPAIO, Paula. Ano: 2015

No catálogo do projeto de livro *O Lago do Esquecimento* de Paula Sampaio, premiado pela FUNARTE em 2012/2013, a pesquisadora Rose Silveira irá abordar o impacto violento da constituição desse lago artificial que a vida naquela região:

Nas ilhas do lago, a população vive como que invisível. As comunidades, de forma paradoxal, ainda não possuem energia elétrica, mesmo que vivam na região onde 14 milhões de litros de água por segundo movem 23 turbinas para geração de energia. Vivem, nesse caso, como no mito de Tântalo, o semideus punido por Zeus a passar o resto da vida dentro de um vale, onde, apesar da abundância de água e de frutos, viveria com sede e fome. (SILVEIRA, p.37)

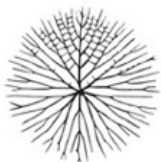
Sobre os processos que assolaram e seguem violentando culturas e países, especialmente nos chamados países do terceiro mundo, Walter Mignolo irá sinalizar acerca da complexidade presente no cerne das relações que se estabelecem:

Opresión y negación son dos aspectos de la lógica de la colonialidad. El primero opera en la acción de un individuo sobre otro, en relaciones desiguales de poder. El segundo lo hace sobre los individuos, en la manera en que niegan lo que en el fondo saben. Los procesos decoloniales consisten en sacar a ambos de sus lugares reprimidos, mostrando también las características imperiales de la “negación”.

Observamos uma busca de se estabelecer relações que rompam com os processos de colonialidade nas condutas empreendidas por diversos artistas. Longe de reiterar imagens exóticas ou cristalizadas sobre a região, há uma produção atenta ao fluxo da história e seus impactos, que engendra diversos processos na fricção com a vida real e que vem à tona como pensamento materializado em arte, fomentando novas discussões acerca do território, seus conflitos e atravessamentos.

Sendo uma das regiões mais marginalizadas do país, consumida por várias ações sejam de ordem política, econômica e social, a Amazônia encontra-se imersa, ao longo dos séculos, em múltiplos processos colonialistas. Essas obras aqui postas fazem um curto retrato de como situações existentes afetam o fazer dos artistas, trazendo como força motriz de suas produções eventos que atingem suas percepções sobre o mundo ao redor.

As obras abordadas, discutem temas diversos, tocam de uma forma ou de outra a ideia de Amazônia com criticidade, revelando os contrastes da realidade que se vive



nessa parte do país. Osmar Pinheiro ao abordar a visualidade amazônica e nos falar da força do afeto que transforma a arte e o trabalho na região, nos fornece a fagulha de que esse afeto não se detém apenas em um sentimento estimulador, mas pode ser algo que cinde o espírito, afeta e nos instiga a abrir os olhos, romper com um olhar previsível sobre nós mesmos e, ao reverberar, poder reinventar um lugar em nós mesmos que subverta a tragédia há séculos profetizada em uma busca da elaboração de processos decoloniais.

Referências:

CECIM, Vicente. **O colonialismo na Amazônia**. In: VIEIRA, Evandro Ouriques (coord. Ed.) et al. **As artes visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional**. Belém: FUNARTE, 1985.

HERKENHOFF, Paulo. **Amazônia: Ciclos de Modernidade**. São Paulo: Zureta, 2012.

JINKSS, Nayara. **Experiência Vertigem – visita + bate-papo**. Conversa no Museu da Universidade Federal do Pará, Belém, PA: 06 abr. 2019.

MANESCHY, Orlando. **Amazônia, arte e utopia**. In: GERALDO, Sheila Cabo, COSTA, Luiz Cláudio da. (orgs). **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**[Recurso eletrônico], Rio de Janeiro: ANPAP, 2011

MIGNOLO, Walter. **Aiethesis Decolonial**. Calle 14, V 5 N 7, 2011.

MATOS, Nina. **Experiência Vertigem – visita + bate-papo**. Conversa no Museu da Universidade Federal do Pará, Belém, PA: 06 abr. 2019.

OLIVEIRA, Éder. **Experiência Vertigem – visita + bate-papo**. Conversa no Museu da Universidade Federal do Pará, Belém, PA: 06 abr. 2019.

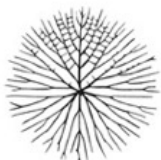
OURIQUES, Evandro Vierira. **As Artes Visuais na Amazônia**. Rio De Janeiro: Funarte, Belém: SEMEC, 1985.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Por uma fala amazônica sobre a cultura**. In: VIEIRA, Evandro Ouriques (coord. Ed.) et al. **As artes visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional**. Belém: FUNARTE, 1985.

_____. **Cultura Amazônica**. Manaus: Valer Editora, 2015.

_____. **Seminários Contemporâneos - Arte Pará Malhas Afetivas**. Conversa no auditório da TV Liberal, Belém, PA: 09 nov. de 2019.

PINHEIRO JR, Osmar. **A Visualidade Amazônica**. In: VIEIRA, Evandro Ouriques



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

(coord. Ed.) et al. **As artes visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional.** Belém: FUNARTE, 1985.

SAMPAIO, Paula. **O Lago do Esquecimento.** Belém: Paula Sampaio, 2013.

ⁱ Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, É coordenador do Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Teoria Psicopolítica e Consciência-NETCCON/Escola de Comunicação/UFRJ, que criou em 1984, diretor de pesquisa do Laboratório de Gestão Mental, Psiquismo e Instituições/LAMAE/UFRJ, e atua em doutorados no Brasil, Chile e Argentina, sendo pesquisador do Proyecto Anillos de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades (SOC180045)

ⁱⁱ Fala do Profº João de Jesus Paes Loureiro no Seminários Contemporâneos, Arte Pará. ocorrido em Belém, 9 de nov. de 2019.

ⁱⁱⁱ Album fotográfico realizado a partir do registro fotográfico do desfile organizado pelo 83o ano da independência do Brasil pelo governo do Pará de Augusto Montenegro em 1905.